

LUTO

O adeus a Frei Rogério Beltrami, o "Santinho"

Decano da Província Capuchinha Nossa Senhora do Carmo morreu aos 95 anos em São Luís. Frei Beltrami que também ficou conhecido na cidade como "Santinho"

SAMARTONY MARTINS

A igreja católica do Maranhão está de luto. Morreu nesta terça-feira (15), o Frei Rogério Beltrami ou Frei Rogério de Milão como ele gosta de ser chamado. O religioso tinha 95 anos e estava com sua saúde debilitada nos últimos anos. O anúncio foi feito pela Província Capuchinha Nossa Senhora do Carmo, do qual o frei fazia parte da fraternidade. "Com imenso pesar, comunicamos que frei Rogério Beltrami acaba de fazer sua páscoa. Peço orações aos irmãos e aos sacerdotes, uma missa em sufrágio", disse parte do comunicado.

O corpo de Frei Beltrami será velado nesta hoje (16), a partir das 7h, na Igreja de Nossa Senhora do Carmo onde ocorrerá uma missa de corpo presente e após a missa acontecerá a saída do cortejo em direção ao Cemitério do Gavião, no bairro da Madre Deus.

Em São Luís, Frei Beltrami também ficou conhecido como o "Santinho" pela sua delicadeza em receber seus penitentes, por seu grande amor a igreja e pelo seu jeito simples de viver e expressar seu carisma franciscano capuchinho. Ele fazia parte da Fraternidade de Nossa Senhora do Carmo, localizada no Centro Histórico. Frei Rogério Beltrami dedicou os últimos anos de sua vida ao atendimento das confissões na igreja do Carmo, onde muitas pessoas que lhe procuravam diariamente para ouvir seus conse-



FREI RODRIGO BELTRAMI FOI UM DOS MAIS IMPORTANTES RELIGIOSOS DO ESTADO

lhos e se confessarem.

No ano passado, próximo do aniversário de Frei Beltrami, celebrado no dia 16 de junho, o Frei José Lázaro Oliveira Nunes que integra a Fraternidade Cúria Provincial N.S. do Carmo MA/PA/AP/CUBA escreveu no site da fraternidade o seguinte texto 'Frei Rogério exemplo de doação e oração', em homenagem ao frei ressaltando seu exemplo de humildade: "Na santa missa se oferta no Espírito Santo, ao Pai o pão e o vinho, o corpo e o sangue do Filho. A oferta do pão é a entrega da vida, dos dons, da saúde, da juventude, dos acertos... A oferta do sangue é por outro lado a entrega da morte, dos fracassos, das fraquezas, das doenças, das debilidades... Assim, como Cristo o sacerdote ordenado e todos os batizados, durante a missa ofertam o corpo e o sangue do Filho, ao Pai, após a missa devem entregar ao Pai, no Espí-

rito os seus próprios corpos (vida) e sangue (morte). Frei Rogério tem sido para todos da Província e para o Povo de Deus um exemplo paupável desse mistério. Sua vida sempre foi uma entrega dinâmica e ousada, como professor, pesquisador, pregador, desobrigante, escritor, arquivista, formador...confessor, enfim, uma autêntica oferta do corpo-vida. Nos últimos anos a doença e a idade o limitaram na oferta do corpo, então ele passou a ofertar o sangue-morte, nas suas idas e vindas ao hospital, na UTI, na luta contra a pneumonia, na aceitação de não poder mais confessar, nem se locomover mais com a destreza de sempre. Nada disso lhe tirou o bom humor, nada disso lhe separou de seu amor por Deus e pela oração", escreveu o religioso.

Frei Beltrami o historiador dos capuchinhos



FREI BELTRAMI FOI UM DOS RESPONSÁVEIS POR PRESERVAR A HISTÓRIA DOS CAPUCHINHOS QUE CHEGARAM AO MARANHÃO EM 1894

Quando Frei Beltrami fez o aniversário de 86 anos, Frei Rodrigo de Araújo fez uma homenagem em seu blog, no qual ressaltou a importância de Frei Beltrami para história dos capuchinhos no Maranhão. "Homem de grande envergadura no que diz respeito aos conhecimentos intelectuais da teologia e amor pela história da igreja em especial pela história dos capuchinhos da nossa província. Foi professor por muitos anos e arquivista, mas atualmente trabalha na cúria provincial no resgate de nossa história. Já escreveu alguns livros e o mais famoso deles é: 'Acordando Palavras Dormidas', onde resgata a história do convento do Carmo", escreveu o religioso.

Frei Beltrami que era historiador foi um dos maiores pesquisadores da chegada dos capuchinhos no convento do Carmo em 1894. Segundo o religioso naquela época, surgiu a necessidade imediata de reparar o templo sagrado, bem como o seu coro e o convento para habitação dos frades. O fato está narrado no livro de "Tombo do Convento do Carmo", datado de 1906, encontra a descrição do cronista: "Após tantos trabalhos feitos para a reforma do templo, restava somente o altar-mor que, por mais que fosse la-

vado e limpo, doirado, estava sempre a exigir uma reforma radical". Segundo o frei Rogério Beltrami, no seu livro 'Acordando palavras dormidas', há a percepção de que nos frades há a vontade de conservar o que poderia ser conservado, pelas expressões "limpo e doirado". Porém, dadas às condições da velha igreja e os rumos que a Missão dos Capuchinhos no Maranhão tomava, começou-se então a "se pensar em um altar monumental, digno de uma Basílica..."

De acordo com o blog Capromapa que publicou o texto "O magnífico altar da Igreja do Carmo", revela que os frades começaram a organizar, em meio à sociedade ludovicense e os assíduos féis frequentadores do Carmo, a colaboração para a construção do monumental altar-mor da Igreja do Carmo. O então superior regular frei Estevão Maria de Sexto San Giovanni recebeu, em carta datada de 28 de agosto de 1906, a benção apostólica concedida pelo Papa Pio X, a todos quantos colaborassem na ereção do altar de Nossa Senhora do Carmo.

Ainda segundo frei Rogério Beltrami, o cronista do livro de tomo informa que "o altar de mármore foi construído por uma firma de Genova, sobre o esboço do engenheiro Viveiros

de Castro, modificado e reduzido devido as proporções artísticas, pelos técnicos da firma, chegou ao Maranhão em quase perfeito estado [...] a Alfândega federal dispensou as pesadas taxas, por considerar o altar uma "obra de arte". Entre os dias 10 e 11 de abril de 1910, aconteceram as solenidades de inauguração e benção do novo altar-mor da Igreja do Carmo, sendo oficiado pelo Bispo do Maranhão Dom Francisco de Paula e Silva, na presença de toda a fraternidade capuchinha, diversos clérigos e povo de Deus exultante. Na pedra do Altar foram colocadas as relíquias dos mártires São Januário, São Felix, São Xisto e Santa Agueda; também foi depositada a relíquia de São Desidério. No dia 11, o bispo celebrou a Missa pela primeira vez sobre a pedra do novo altar. Depois, proferiu um eloquente discurso, que o cronista diz ter sido "arrebata-dor, empolgante e fascinante..." 4

Destes então, o altar-mor foi usado para as celebrações das missas na Igreja do Carmo, celebradas normalmente pelo superior maior (Superiores regulares e depois os custódios), bem como pelo superior local (Guardião do Convento do Carmo) ou outros frades de passagem por São Luís. (SM)

LEI ALDIR BLANC

Editais são oficialmente lançados no Maranhão



SECRETÁRIOS, ANDERSON LINDOSO E CATULÉ JR, NA COLETIVA

O Governo do Maranhão, por meio da Secretaria de Estado da Cultura, realizou coletiva de imprensa nesta segunda-feira (14), sobre a Lei Aldir Blanc (Lei Federal nº 14.017/20). A coletiva, ocorrida no auditório do Edifício João Goulart, no Centro, contou com a presença dos secretários de Estado da Cultura, Anderson Lindoso; e do Turismo, Catulé Jr. Na ocasião, foram anunciadas as competências de responsabilidade estadual, previstas na lei. Ao todo serão cinco editais de fomento cultural, voltados para artistas; um edital voltado para a renda básica, que prevê auxílio em três parcelas de R\$ 600 a trabalhadores e trabalhadoras da cultura maranhense, e outro edital destinado aos artesãos e artesãs maranhenses, este elaborado em parceria com a Secretaria de Estado do Turismo (Setur).

Para o secretário Anderson Lindoso, a gestão do recurso amenizará a situação de milhares de trabalhadores e trabalhadoras da cultura maranhense. A Lei Aldir Blanc prevê repasse de R\$ 3 bilhões em recursos aos estados brasileiros, voltados para auxiliar artistas, trabalhadores e trabalhadoras da cultura, coletivos e empresas culturais, que foram diretamente impactados pelos efeitos da pandemia do novo coronavírus. O Maranhão recebe, ao todo, R\$ R\$ 114 milhões de repasse da Lei Aldir Blanc. Deste recurso, R\$ 61.466.556,42 serão geridos pelo Estado. Os editais da Lei Aldir Blanc no Maranhão já estão disponíveis para consulta e inscrição no site <http://mapeamento.cultura.ma.gov.br/projeto/1/>. Ao acessar o site é preciso fazer um registro, consultar o edital e fazer a inscrição. Para solicitar o Renda Básica, auxílio emergencial para a cultura, é preciso acessar o link <https://auxilio.cultura.ma.gov.br/> e preencher os formulários com os dados solicitados. Os dados serão enviados ao Dataprev antes do resultado final sobre a

LITERATURA

A princesa que não assumiu o trono



OBRA RELATA ALEGRIAS E TRISTEZAS DE D. ISABEL DO BRASIL

"Alegrias e Tristezas", título da obra dos historiadores Bruno da Silva Antunes de Cerqueira e Maria de Fátima Moraes Argon, é a tradução de como D. Isabel descreveu sua vida em uma pequena autobiografia em 1908. O lançamento é a maior obra já publicada sobre a personagem e tem 888 páginas.

Bruno e Fátima desfazem mitos, explicam e esmiúçam muitas informações erradas e contraditórias sobre a Princesa Isabel com base em mais de 20 anos de pesquisas. Com mais de 70 ilustrações, a produção apresenta a força da personagem histórica e aborda o golpe militar que implantou a República e impediu D. Isabel de assumir o Terceiro Reinado. Outro destaque da produção é a análise sobre a própria expressão "Princesa Isabel": os autores revelam que contém uma armadilha teórica que minimiza a participação dela no processo da Abolição da Escravidão no Brasil. "Se é procedente o postulado de que a expressão Princesa Isabel é absurdamente popular e enraizada no Brasil, é de outro lado forçoso reconhecer que essa "popularidade" é acompanhada de um desconhecimento abissal e impressionante sobre sua vida e obra. Em outras palavras, D. Isabel é a Princesa Isabel justamente porque quase nada se sabe sobre ela, salvo que tenha assinado a Lei Áurea." (Alegrias e Tristezas, pág. 128)

"Alegrias e Tristezas: estudos sobre a autobiografia de D. Isabel do Brasil" é indicação fundamental para historiadores, cientistas sociais, jornalistas e para todos os amantes da História do Brasil. A obra traz, ainda, cadernos de imagens inéditas e mais de mil notas de rodapé, genealogias dos ancestrais e descendentes de D. Isabel, manuscritos originais dos seus textos e análise de todas as biografias já produzidas sobre ela.